

Cinema

Ano 1º
N.º 17

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Preço
1,00

Na Capa: — Jean Murat, principal intérprete do filme «Um Homem Feliz»

Redactores:
João Santos
e Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bomjardim, 436-3.
PORTO



Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas:
Trimestre, 12\$00. Sem.
24\$00. Ano, 46\$00 —
Ultramar: Trimestre,
14\$50. Sem. 29\$00.
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas
da Empresa AQUILA
Rua Duque Saldanha, 312
PORTO

AH! AH! PÊ! — Primeiro prémio de pseudónimos, desta semana. Está muito bem achado!

1.^a — Lilian Roth, depois de «Madame Satan», fez «Sea Legs». Agora está trabalhando em teatro, ou melhor, está aparecendo, por conta da Paramount, nalguns dos seus grandes cinemas. 2.^a — Charlie Rugles fez na versão inglesa de «O Tenente Sedutor» o papel de Max, o amigo que vai pedir a Niki para o acompanhar ao local onde toca a Franzl. Na versão francesa exibida entre nós é George Henri quem faz esse papel.

PAMPLINAS II: — Tenho aqui uma carta sem assinatura, mas, a julgar cá por umas coisas, parece-me que é sua. Se não fôr, não faça caso. 1.^a — Sim senhor, a produção nacional já esteve em maior actividade do que agora. Mas descanse, que não se perdera com a demora. A propósito; já subcreveu com alguma acção para a «Sociedade dos Filmes Sonoros Portugueses»? Se ainda não, por que espera? Quer que lhe mande um boletim de inscrição? 2.^a — E' possível que esta revista não se publique em Julho e Agosto, ou só num destes meses. Vamos a ver como correm as probabilidades de férias cá por casa. O director queria dar uma saltada a Berlim, mas os marcos estão a mais de 7 escudos! Eu tambem queria ir veranejar para Foz-do-Douro-sur-Mer, mas ainda não arranjei dinheiro para o *maillot*, de modo a poder fazer um marismo decente... Enfim, vamos a ver... Tomei boa nota das suas restantes considerações.

HAROLD'OS LOIOS: — Li os recortes que teve a amabilidade de me enviar, e entreguei-os juntamente com a sua carta, ao director. Parece que ele vai aproveitar-se dessa carta para «O Cantinho dum Cinéfilo».

SUNNY SIDE UP! — Pois é claro! Demais agora, que está a chegar o solzinho! Toca a passar as tristezas para trás das costas! Há uma porção de artistas que já não são célebres lá fora e que a gente ainda não conhece, isso é verdade. Mas que quer? Alguma vez veremos as encantadoras (encantadoras, pelos retratos que tenho «fuzilado») Lyen Deyers, Carole Lombard, Tailulah Bankhead, Renat Muller, Frances Dee, Joan Marsh, Juliette Compton, Joan Blondell, Dolly Haas, etc., etc. E' questão de esperar...

Correspondência

UM CORRESPONDENTE FIXE: — Ora vamos lá a ver se isso é para durar! 1.^a — Sou casado, quando estou cá no Porto; solteiro, fóra da terra. 2.^a — Onde é que eu moro? Mistério. Mas se é para mandar algum presente, pode enviá-lo cá para a redacção. Participo-lhe que não fumo, não vá às vezes enviar-me alguma caixa de charutos. A minha mulher, tambem não. 3.^a — Dê-me a sua direcção, que eu mando-lhe o boletim de subscrição da «S. F. S. P.»

FAIRBANKS JR. II: — Os mais recentes filmes da mulher do seu homónimo são «Dance, Fools, Dance», «Paid», «Laughing Sinners», «This Modern Age», «Possessed» e «Grand Hotel».

ALBERTO BARRADAS: — Infelizmente, não. Nem no «S. Luiz», de Lisboa, nem no «Trindade», do Porto, «A Tragédia da Mina» obteve o sucesso que merece. Antes pelo contrário... Não sei se Joan Crawford é o modelo das espósas. Só lhe posso dizer que eu sou o modelo dos maridos... Greta Garbo não casou ainda. Sobre as pernas da Marlene, nada lhe posso dizer, pois, como lhe disse no número anterior, é proibido, por emquanto, voltar a falar n'ELA. Sim senhor, «A Oeste Nada de Novo» obteve aqui no Continente extraordinário êxito, dos maiores do fonocinema. Se o seu camarada aí de Luanda apostou o contrário, perdeu a aposta!

JOSE LUIZ FERRAZ — A administração lhe responderá.

COW-GIRL DO NORTE: — Richard Arlen continua com a Paramount. Fez muitos filmes sonoros, como «Light of the Western Skies», «Paramount on Parade», «Border Legion», «Santa Fé Trail», «Sea God», «Only Saps Work», «Conquering Horde», «Gun Smoke», «Lawyer's Secret», «Caught», «Secret Call» e «Touchdown». A próxima fita de Richard Arlen a exhibir-se no Porto deve ser «Fumo de Pistola» («Gun Smoke»). Casado com Jobyna Ralston. Escreva-lhe para Paramount Studios, Hollywood, Calif.

MARIANA: — O seu Henryzinho é, se não estou em êrro, divorciado. Fez «Les Deux Mondes», uma outra

fita que não se exibiu em Portugal e de cujo nome não me lembro no momento em que escrevo, «O Caminho do Paraíso», «A's Ordens de Vossa Alteza», «Margem Esquerda», «Flagrante Delito», «Il est charmant», «Delphine», «O Congresso que Dança» e «Dois Corações a Compasso». Ele está sempre com um pé em Paris e outro pé em Berlim. Parece-me que vai fazer outra fita na «Ufa», com a Lilianzinha. Escreva-lhe ao cuidado da «Universum Film Gesellschaft», Kochstrasse 6-8, Berlim SW 68.

LOUCO POR JEAN HARLOW: — Então não achou parecida a Jean Harlow? Hom'essa! Se calhar você ficou louco por ela, sem nunca a ter visto!... Se quere escrever aos artistas pedindo apenas o retrato, pode fazê-lo em português a todos. Jean Harlow está agora na «M.G.M.». Mas repare que digo agora. Está fazendo para aquela casa a fita «Red Headed Woman» («A mulher dos cabelos avermelhados»). Portanto, se quiser ter a certeza de que a sua carta a vá encontrar, escreva-lhe já para «Metro-Goldwyn-Mayer Studios», Culver City, Calif. Não reparei no nariz grande da Claudette Colbert. Vou pedir ao «Trindade» para exhibir «O Tenente Sedutor».

PREGUNTÃO MÓR: — Harold Lloyd está terminando (suponho que já terminou, no momento em que escrevo) a sua nova fita «Movie Crazy» com Constance Cummings. A fita foi feita nos estúdios da «United Artists», que Harold alugou, mas será distribuída pela «Paramount». Nem todos os estúdios americanos estão equipados com aparelhos de tomadas de som «Western Electric». Os principais teem desta marca, mas outros teem «RCA», como os estúdios «Hal Roach», «Mack Sennett», «RKO-Radio», «Tec Art», «Educational», etc. Não tenho duvida alguma em lhe dar as direcções das sedes da «W. E.» e «RCA», mas parece-me que não lhe responderão directamente. No entanto, aí vão: Para a «W. E.», Electrical Research Products, 250, W. 57 th St., New-York City; para a «RCA», RCA Photophone, Inc., 411 Fifth Avenue, New-York City. Na Europa apenas a «Klang-Film» tem, por enquanto, aparelhos de categoria, para tomadas de sons. Escreva para «Klang-Film G. m. b. H.», Askaniischer Platz, 4, Berlim SW 11.

EU SEI TUDO.



Chonchita Montenegro numa atitude pouco tranquilizadora do filme "O Príncipe que nunca Amou", falado e cantado em espanhol, com o simpático tenor D. José Mojica, no papel principal

O Cantinho dum Cinéfilo

Continuando o assunto do «Cine-Clube»...

Em primeiro lugar, Fernando Frágoso, dizendo a existência do cine-clube julgamos que estaria assegurada pela multidão de cinéfilos que, amanhã, se tocassem a reunir, se iriam inscrever como sócios, confunde-o. Mistura-os.

Ora os cinéfilos capazes de se interessarem por um cine-clube não constituem «multidão». No Porto, poderemos contar, com muito boa vontade, uma vintena. Em Lisboa não contarão mais do que 30 ou 40. E é só. E é por isso que eu não vejo possibilidades de realização dos desejos meus e de Fernando Frágoso. Os outros, os cinéfilos que fazem multidão, os que o são só porque vão ao cinema, a esses — perca o Fernando Frágoso as ilusões! — só lhes agradaria o cine-clube se dêle pudessem colher vantagens materiais compensadoras. A cultura do espírito — é triste dizê-lo, mas é assim — não lhes interessa. Quantos foram os que cuidaram de ver «Tragédia da Mina», de Pabst? Que respondam as bilheteiras do «São Luiz» e do «Trindade»! Quem soube apreciar «Romanza Sentimental»? Que o digam os que lhes ouviram as risadas de incompreensão, quando aquela obra de Eizenstein foi exibida!

De que serviria, para esses, que o cine-clube lhes desse hoje «O Carro Fantasma», a mostrar-lhes a «maneira» de ha 15 anos, de Victor Sjostrom, o grande animador do cinema sueco, amanhã «Paris que Dorme» ou «Os 2 tímidos», simultaneamente com «O Milhão», a fazer um estudo comparativo do espírito de René Clair, depois... depois... qualquer das muitas obras primas que houvessem feito escola e que lhes pudesse dar ensinamentos a par da elevação ou mesmo distração espiritual?

■ ■ ■

Mas suponhamos que, em Lisboa, por exemplo, se conseguia a inscrição de 300 ou 400 sócios — quantidade máxima que o melhor dos optimismos pode conceber. Fernando Frágoso, que é partidário da quota mensal relativamente pequena, e por cada sessão, uma reduzida sobretaxa, não desejaria, de-certo, que a quota fosse além de 4 ou 5 escudos mensais, quando não, lá se ia a modicidade e, com ela, a possibilidade de ser devidamente cobrada. Teríamos, pois, como verba fixa mensal, para o sustento do cine-clube, uma importância que, com a tal reduzida sobretaxa por sessão, oscilaria à volta de dois mil escudos.

A pesar da modestia com que Fernando Frágoso imagina a instalação do cine-clube, visto que se contenta com uma casa para a sede, com uma sala suficientemente grande,

com filas de cadeiras, uma máquina de projecção e uma tela ao fundo, que serviria de sala de sessões, na qual se exibiriam programas inteligentemente compostos e sempre que fosse possível comentados, aqueles dois mil escudos — e estamos contando com o máximo de possibilidades — não chegariam para nada. Seria preciso, pelo menos, uma sala com lotação para 300 ou 400 pessoas, a instalação de outras tantas cadeiras, toda a aparelhagem eléctrica, material de cabina, mesmo que, de princípio, não se fizesse a instalação sonora — com o que eu, aliás, não concordo. Como essas despesas atingiram muitos contos de reis, ainda que se conseguisse o respectivo pagamento em prestações mensais, lá desaparecia a receita de muitos meses, quiçá de mais dum ano. Isto, não esqueçamos, encarando as coisas pelas mais optimistas das probabilidades.

■ ■ ■

Ha, sobretudo, um ponto que o sr. Fernando Frágoso se esquece — um ponto capital na existência dum cine-clube.

Ao falar no entusiasmo com que se assistiria à projecção de «L'Entre'Acte», de René Clair ou de «Maldonne» de Jean Grémillon, no alvoroço e curiosidade que provocaria a exibição dum filme super-realista como, por exemplo, «Lage d'Or», de Bunuel, no carinho com que receberíamos os clássicos de Charlot, Frágoso esqueceu-se de que esses filmes — esses e quaisquer outros — custam dinheiro, muito dinheiro. Era preciso comprá-los, a alguns pelo menos. E ainda na optimista hipótese das ligações com idênticos clubes estrangeiros (esta é uma das possibilidades que eu vejo realizável, dado o espírito de fraternidade que existe lá fóra entre os bons cinéfilos) era necessário, a outros, alugá-los. E as despesas da compra de alguns, do aluguer de outros, com as da expedição, direitos, despacho, legendas, etc., de todos, devem constituir a verba principal com que os fundadores dum cine-clube terão que contar, a esvaziar-lhe os cofres.

E, em meu entender, para fazer face a tais encargos, necessário se tornaria que os hipotéticos 300 ou 400 sócios pagassem de quota mensal algumas dezenas de escudos — o que equivale a rejeitar tal possibilidade.

A idéa da formação dum cine-clube é muito bonita, e deve ser simpática a todos os bons cinéfilos. Mas não é com simpatias que se pagam despesas. E o sr. Fernando Frágoso bem merecerá de todos nós, se quiser meter mãos à obra. Eu cá — e chamem-me o que muito bem entenderem — confesso que não me sinto com coragem para tanto!

Os vaqueiros regressam

Não devemos fazer caso quando nos dizem que o cinema está em crise. O que talvez atravessasse um mau período é a administração do negócio cinematográfico. Devem contar-se os salões de projecção que funcionam em qualquer localidade, em qualquer bairro e comparar-se com os que ali houve sempre, consagrados a outra classe de espectáculos. O balanço resulta infalivelmente favorável ao cinema, e de tal modo que seria preciso duplicar ou triplicar o número de habitantes de qualquer subúrbio ou povoação para encontrar entre eles os espectadores que possam encher todos os lugares das salas cinematográficas. Não obstante, e apesar da crise mundial, apesar do custo do dinheiro, convidamos o leitor a recordar como encontrou os cinemas em qualquer dia de festa da passada época dos frios.

E' possível que este excesso de espectadores num determinado dia não chegue a compensar, alguns cinematografos, as falhas do resto da semana; mas a verdade é que, num dado momento, forma-se uma massa de afeiçoados do cinema que triplica ou quadruplica o maior núcleo que hajam podido formar os afeiçoados por outra classe de espectáculos.

O advento do cinema sonoro duplicou os preços e encurtou os programas. No entanto, a afeição do amante do cinema é tam firme e resignada que continua dando lugar a que aos domingos de tarde aumente ainda mais o preço dos lugares e se coloque na bilheteira o aviso de: «Tudo vendido».

Mais ainda. A arte do filme, e com a arte o espectáculo, atravessou um período de aprendizagem e experiência que teria sido fatal para qualquer outro espectáculo. O cinema, porém, nunca deixou de contar com o apoio do público, o qual aceitou como acabado e completo o que não passava ainda de tentativa e ensaio. E se, em meio destas experiências, surgiu a faísca do génio, capaz de saltar do cine mudo para o sonoro sem o trânsito da aprendizagem, os espectadores corresponderam enchendo durante seis meses um salão de luxo e de capa-



KEN MAYNARD,
o mais simpático «cow-boy» do cinema.
Até os que não gostam em geral, dos filmes de oeste,
gostam de vêr no cinema o Ken Maynard.

cidade, como aconteceu em Barcelona, com a «Parada do Amor».

Mas nós auguramos ao cinema um porvir muito mais lisonjeiro ainda. Vemos que o entusiasmo popular, longe de decair, como alguns pretendem, vai aumentando. E isto é natural porque as coisas, no campo cinematográfico, vão agora ganhando assento e lançando raízes, começam a demarcar-se as tendências, sendo certo que tudo isso estava baralhado em consequência da mudança experimentada pelo cinema.

Consolidou-se, por exemplo, o tipo da película sentimental, que hoje conta o seu público.

Veio a opereta cinematográfica, pelo modelo de Lubitsch, e o género pessoal e disparatado de Stan e Oliver.

Mas, por cima destas e doutras muitas fontes da arte do «écran», agora conjugue da alta-voz, ressurge, triunfal e magnífica, outra que tem uma importância histórica no cinema.

São as películas do Oeste, que voltam a reconquistar o terreno perdido. Recordam-se daqueles filmes do «Caie-na» e, mais tarde, do Tom Mix, que foram, durante muito tempo, a base do cinema e sempre o estilo mais acentuadamente cinematográfico da arte muda? Pois bem: essas películas regressam. O

cinema, com ou sem microfónio, não pôde dispensá-las.

Se o grande Harry Carey envelhece e outros vaqueiros inolvidáveis são envolvidos e arrastados pelas ondas da revolução provocada pelo microfónio, surgem astros novos, entre os quais alguém chegará a ser a cavalo o que Chevallier é na opereta.

Os norte-americanos apreciaram já as primeiras provas do ressurgimento. Não tardaremos também a admirá-lás.

E não só veremos agora o «cow boy» bordejar a planície e escalar o monte montado no cavalo amigo, mas ouviremos também o ruidoso tropear das patas na terra. Ha-de enlear-vos a noiva do cavaleiro, com os seus olhos claros, cabelos ruivos, sorriso angélico e ainda com a sua voz doce trémula e aeria como um suspiro.

E tudo obterá uma nova palpitação de vida que tornará mais impressionante a lenda imortal do bravo «cow boy» e da virginal donzela, sequestrada pelo lenhador selvagem numa choça perdida no labirinto do bosque.

J. B. VALERO.

Nesta semana fazem anos:

De 14 a 20 de Maio

- Maio 14 — Billie Dove (29).
- 16 — Bull Montana (45).
- 17 — Maureen O'sullivan (21).
- 17 — Malcolm St. Clair, realizador.
- 17 — Conway Tearle.
- 19 — Nathalie Kingston.
- 19 — Lothar Mendes, realizador.
- 20 — Estelle Taylor.

Kay Johnson é contratada pela «Columbia»

Segundo informações directas e exclusivas para a nossa revista, Kay Johnson, que vimos em «Madame Satan», foi contratada para interpretar o principal papel feminino de «Fé», uma nova produção «Columbia».

Kay Johnson fez a sua entrada no cinema em «Dinamite», de Cecil B. de Mille.

«Quick»

Lilyan Harvey e Hans Albers são os protagonistas do novo filme da «Ufa» «Quick» na versão alemã.

Na versão francesa deste filme entram Lilyan Harvey, Jules Berry, Armand Bernard, Pierre Brasseur e outros.

A realização é de Max Pfeiffer. A fotografia é de Gunther Rittau e os «décors» de Erich Kettelhut. A música é de Werner R. Heymann.



Ramon Novarro está apaixonado por Greta Garbo?

que os lanquís chamam «American Beauty» e que são o símbolo do amor... Uma carta está segura a uma delas, uma carta branca com este único nome, traçado numa letra fina, delicada: *Ramon*.

E Ramon é o autor dum certo poema dedicado a uma «Mulher de Sonho», que é um flagrante retrato de Greta Garbo... Esta mulher de sonho leu o poema com infinito carinho...

Finalmente!... Pela primeira vez depois que se tornou a rainha incontestável de Hollywood, viu-se Greta esquecer a hora de saída e permanecer no estúdio depois das cinco badaladas do relógio que até então e em tôdas as circunstâncias punham fim ao seu dia de trabalho. Em lugar de vestir o seu eterno «manteau» cinzento e o seu eterno feltro para se ir embora sósinha, para passeios sem fim ao longo do mar, Greta espera, interessa-se pelas cenas em que não entra, — e aceita mesmo uma chicara de chá...

O mágico que conseguiu esta metamorfose foi Ramon Novarro. Quando a «M-G-M», rompendo com as tradições, resolveu reunir no mesmo filme os nomes de Greta Garbo e de Ramon No-

... mas Ramon não procura esconder a admiração que tem por ela...

... hesita-se ainda em pensar que Greta Garbo esteja amorosa...

A prodigiosa lenda que envolve Greta Garbo é difícil de desmentir. Romanesca, mística e tam cheia de uma poesia que nos nossos dias já está em desuso, Greta, só por este título, merecia concentrar os nossos desejos, as nossas ambições.

Nela, a natureza realçada pelo artifício, une tudo o que a alma complicada do homem pretende encontrar na mulher dos seus sonhos. Bela, muito bela, era necessário que fôsse também estranha, com um destino diferente das outras mulheres, e que fugisse às regras uniformes das vidas humanas. Greta não tem começo nem fim. Não tem idade. Ninguém imagina a criança que ela foi, — e mesmo que morrêsse amanhã, a sua vida de auréola prolonga-la-ia muito tempo no mundo, onde a sua imagem luminosa continuaria a viver ressuscitada pelo «écran».

Para acabar de fazer dela um ídolo e para a tornar complicada e perigosa, diz-se que Greta Garbo é insensível ao amor, fazendo-se nascer em volta de si paixões que não pôde corresponder nem compreender.

Tal como aparece aos seus inumeráveis admiradores, Greta, longínqua, silenciosa, fria como a neve, parece-se com esta estátua dum poema de Gautier: «Esfinge branca que o inverno esculpiu, e que no seu peito branco esconde gelados segredos brancos»...

Mas eis que uma emoção forte conseguiu infiltrar-se neste coração rebelde... A estátua anima-se. Greta será uma verdadeira amorosa?

Nos seus aposentos pôde-se ver uma «gerbe» de rosas vermelhas que uma mão atenta e solícita renova todos os dias... São rosas sumptuosas a



varro, toda a gente dizia que era uma coisa sem pés nem cabeça. A política dos estúdios, que eleva dum dia para o outro uma «estrêla», tornou-se mais sobreptícia, mais rasteira, mais subterfânea...

Todas as simpatias iam para o «metteur-en-scène», George Fitzmaurice, que devia conciliar estes inconciliáveis temperamentos, deitar água no fôgo, utilizar dois talentos tam contrários...

Havia muitos elementos de discórdia, muitas razões para que logo nas primeiras cenas se afrontassem estas duas «estrelas» de igual renome: Novarro gostava de repetir cuidadosamente cada cena; Garbo quasi que nunca repetia... Novarro era familiar e expansivo e tornava-se rapidamente amigo do director, dos seus «partenaires» e até dos operadores e dos figurantes; Greta não lhe dava senão os bons dias e as boas tardes...

E assim, desde o começo da realização de «Mata-Hari» as «más línguas» esperavam assistir à mais palpitante das intrigas de estúdio.

Mas no mundo do cinema muitas coisas sucedem contrariamente ao que se prevê... Os dias foram passando... E o filme ia-se aproximando do final sem que nenhum incidente viesse perturbar a sua realização...

Nenhum dos incidentes previstos... Porque, pelo contrário, apareceu um incidente imprevisível, absolutamente imprevisível... Viu-se Greta Garbo tornar-se cada vez mais amável, mais razoável, mais simpática... Viu-se rir, sem se importar com a sua reputação de melancólica... Andava pelos «décors», pelo braço do seu «partenaire»...

E logo se soube que desde o primeiro dia do trabalho uma «gerbe» de rosas vermelhas floria no camarim de Greta...

Se Greta se demorava duas horas em vez de uma para almoçar, Ramon não manifestava nenhuma impaciência... Se ela queria que a deixassem em paz durante algum tempo, num canto do estúdio, para aprender sózinha as suas réplicas, elle inclinava-se e ia esperá-la a fumar um cigarro no parque... Um dia Ramon propôs estudar com ela num local tranquilo onde não seriam incomodados, — no seu camarim, por exemplo... E Greta aceitou!...

Ficaram com o hábito de conversarem no luxuoso camarim espanhol do simpático galã. Ouviam-se repetir as cenas principais do filme, depois começaram com as confidências, e quando tomavam o seu chá íntimo por vezes Ramon cedia à sua bela companheira o primor de qualquer romança que tivesse composto inspiradamente, e que Greta ouvia com um prazer não dissimulado, tal o encanto da voz de Ramon e do próprio Ramon...

Greta não pôde resistir a esta simpatia tam gentil, tam discretamente oferecida, tam delicadamente provada... Afastou progressivamente a sua reserva glacial, o seu mutismo, a sua timidez. E para que nada faltasse, resolveu-se repetir cinco, seis, sete vezes as cenas difíceis, — pelo amor de Ramon...

Imaginava-se que o amor não fizesse das suas entre dois seres tam encantadores, que enfrebescem as imaginações e os corações dos cinco continentes... Entre estes dois intensos focos de sedução,

“Um homem feliz”

A “première” da grande produção de Erich Pommer para a “Ufa” “Um homem feliz” acaba de de realizar na Austria. Hans Albers, que se transportou a Viena, foi triunfalmente acolhido por uma multidão numerosa quando desembarcou do comboio. Os jornais consagraram colunas e colunas de elo-



KATE DE NAGY — A mariposa que na luz cegante do “écran” prendeu seus sonhos cegos.

Jorge Ramos.

gios ao filme, que parece ir obter o mais vivo successo.

Em Paris, “Um homem feliz” foi tambem um grande triunfo. Kate de Nagy e Jean Murat, que assistiram à representação, foram freneticamente aclamados.

Este filme estreia-se no “Trindade” no próximo dia 17.

parecia impossível que não saltasse uma láisca...

Pensou se primeiro que Ramon apenas tinha manobraço com ligeireza e habilidade para desarmar antecipadamente uma «partenaire» insuportável, que devia conquistar para tornar possível a realização do seu comum filme.

Mas o filme acabou sem que se desmentisse um só dia a amizade estabelecida entre Ramon e Greta, e quando as obrigações do trabalho não os obrigavam já a encontrarem-se quotidianamente no estúdio, elles continuaram a verem-se frequentemente e a tomar o chá juntos no mais cordial dos «tête-à-tête»...

A despeito do milagre que a transformou, hesita-se ainda em pensar que Greta Garbo esteja amorosa... Mas Ramon

não procura esconder a admiração que tem por ela e é por isso que os bisbilhoteiros de Hollywood afirmam que o irresistível e encantador mexicano, que até agora não ligou importância de maior ao amor, tambem foi conquistado pela fascinante Greta Garbo...

Romanesco, sensível, impulsivo e ardente como todos os latinos, não se pôde aproximar do fogo sem se queimar. Esquecendo a artista, só viu a mulher... A mulher, de que Greta Garbo é a mais bela encarnação e de que se compreende agora a influencia e o mágico poder de sedução...

Uma opereta alemã «dobrada» em francês

A opereta alemã “Liebskommando”, que provavelmente será exibida em Portugal com o titulo “O Cadete do Amor”, com Gustavo Froelich e a encantadora Dolly Haas como protagonistas, acaba de ser “dobrada” em francês, por André Norevo e Mme. Arnalina, nos papeis daqueles dois artistas-

“O Cadete do Amor”, que obteve grande successo na Alemanha e na Espanha, apresentará pela primeira vez em Portugal a jovem e deliciosa actriz alemã Dolly Haas.

A nova residência de Norma Shearer

Acaba de dar-se um acontecimento de peso na vida de Norma Shearer: foi habitar para uma residência de sua propriedade e cujo plano foi na sua maior parte idealizado pela gentil actriz.

Pouco tempo depois de se casar com Irving Thalberg, Norma Shearer fez as seguintes declarações:

«Irving e eu gostamos de andar de sitio em sitio e de casa em casa. Nunca estamos mais de quatro ou cinco meses numa casa. Estamos a estudar as nossas reacções em cada local para que quando chegue o dia de edificarmos uma residência definitiva saibamos em verdade como esta deve ser.»

Emquanto teve alugada a casa de Bebe Daniels, Norma encontrava-se feliz. Sentia grande atracção pelo balcão mais alto da casa: «de noite, quando nos sentamos ali e contemplamos o jogo de luzes do porto de Santa Mónica sobre as águas, ficamos calados ante tanta magnificência e beleza», dizia aos seus amigos mais intimos.

Recordando agora as palavras de Norma, vemos o motivo porque a sua nova casa está junto da praia. O par Irving Thalberg-Norma Shearer deixou de alugar casas...

Virginia T. Lane, uma jornalista que trabalha em Hollywood, teve a sorte de ser convidada por Norma para visitar a sua nova residência. São dela as seguintes palavras:

BIBLIOGRAFIA

Barbara Stanwyck

• Quando o automovel nos conduzia pelas amplas avenidas junto do Pacifico e passamos pela régia mansão de Marion Davies e pela não menos bonita casa de estilo espanhol de George Fitzmaurice, não pude deixar de pensar que classe de casa seria a de Norma, qual o seu estilo, em que tonalidades seria o seu interior. Não o sabia de ciência certa, mas estava segura que seria uma casa magnífica, cheia de comodidades e de bom gosto.

Quando, por fim, chegamos à porta da residência fiquei muda de assombro. Quanta beleza! A casa está voltada para o mar e totalmente rodeada de arvores e plantas. Norma tinha mandado pôr uma enorme quantidade de terra sobre a areia e o jardim mais formoso do mundo parecia ante a minha vista assombrada.

Como mãe carinhosa que é, Norma fez-me passar rapidamente por todas as dependências da casa até que chegamos ao quarto do seu petiz, que em agosto próximo completará os dois anos. Este quarto é magnífico. A parede está pintada de branco, azul e rosa e nada lhe falta para o benefício e o prazer da criança adorada. Panos adornados com bonecos e os móveis pintados de branco fazem bonito contraste com a cama azul e rosa e a lâmpada de cristal que dá uma finíssima luz para não molestar a criança de noite. Depois descemos e vimos o resto da casa, mas não tenho tempo para contar tudo.»

Os salários de Norma Shearer acabam de ser elevados para mil dólares diários, ou sejam sete mil dólares por semana. Este ordenado recebe-o quer esteja trabalhando ou em férias na Europa, — e todos os anos efectua uma viagem de três meses, pelo menos.

Morte de Louis Mercanton

Faleceu na sexta-feira, 29 de Abril, o realizador Louis Mercanton, com a idade de 51 anos.

Louis Mercanton, de origem suíça, trabalhou sempre para o cinema francês, ao qual deu, no tempo do silencioso, "Isabel, Rainha d'Inglaterra", com Sarah Bernhardt, mais tarde "Miarka, la Fille à l'Ours", "Phroso", "L'Appel du Sang", "Sarati-le-Terrible", "Aux Jardins de Murcie", "Jeanne Doré", etc.

Louis Mercanton realizou um dos primeiros fonofilmes franceses, "Le Mystère de la Ville Rose", sendo em seguida contratado pela "Paramount" de França, para a qual fez, nos estúdios de St. Maurice, "La Lettre", "Chérie", "Marions-Nous"; (versão francesa de "A Minha noite de nupcias"), "Il Est Charmant", "Cognasse" e tinha começado há pouco, quando a morte o surpreendeu, a fita "Passionément", também para a "Paramount".

Mercanton deixa um filho, o pequeno Jean, que fez na versão francesa de "A Canção do Berço" o papel que Guilherme Reis interpretou na versão portuguesa, e que vimos no papel do pequeno rei de "As Ordens de Vossa Alteza".

Bárbara Stanwick, «A Mulher Milagrosa» na produção do mesmo nome da «Columbia», apareceu pela primeira vez em público em Julho de 1907, num teatro de um dos distritos de Brooklyn. O seu trabalho abriu-lhe caminho para maiores triunfos. Desde criança que sonhava ser artista do cinema, — talvez uma «estrela» no tipo de Pearl White...

Bárbara chegou a ser uma das principais artistas emocionais do «écran». Eis os escalões da sua carreira ascensional: ao terminar a sua educação primária,



Barbara Stanwyck, uma linda actriz americana que nós ainda não vimos, mas que estamos mortinhos por ver: É uma das mais talentosas artistas que o sonoro descobriu e que a «Columbia» está aproveitando muito bem

viu-se obrigada a trabalhar para viver. Bárbara, que então se chamava Ruby Stevens, empregou-se como telefonista ganhando três dólares por semana. Mas tam farta ficou de telefones que a sua magnífica residência da prala de Malibu carece intencionalmente deste aparelho...

Começou depois a trabalhar na secção de moldes para vestidos de senhoras

numa grande casa do género; mas Bárbara, demasiado versátil, ficou por ali pouco tempo...

Solicitando um emprego de dactilógrafa numa casa editora de músicas, soube que se preparava uma revista de aparato. Bárbara conseguiu ser incluída nesta revista como bailarina. Destacou-se rapidamente em certa interpretação de «The Noose», e passou a representar melhores papeis em «Bonnie», uma revista teatral que confirmou a sua fama.

O seu ingresso no cinema foi quasi simultâneo com a sua aparição no palco. Enquanto representava em «The Noose» fez o seu «début» num filme silencioso — «Noites de Broadway»: trabalhou durante duas semanas, e tudo o que fez na película foi abrir uma porta!...

Não se sabe como, apaixonou-se loucamente de Frank Fay. Um sábado, depois da sessão da tarde, tomou o comboio para Detroit, onde Fay trabalhava. A's duas da tarde de domingo casavam-se, e às quatro partia de novo para Nova York...

Ama estremecidamente seu marido. Nunca tirou a sua aliança de casamento, — nem mesmo para filmar —, e nunca veste fora da cena outras cores que o branco e o preto, condescendendo aos desejos de seu marido.

Bárbara Stanwyck afirmou o seu direito ao estrelato em numerosas aparições no «écran» como intérprete magistral de papeis altamente emotivos. Em «A Mulher Milagrosa», uma produção de grande classe da «Columbia», esta artista apresenta-nos uma das suas melhores criações no papel de uma jovem que impelida pela hipocrisia de impenitentes beatos decide vingar-se usando do engano para explorar a fé dos ignaros, e que termina por abandonar o engano aceitando a fé a que o amor a conduziu.

Cenas marítimas para "As You Desire Me"

Para o novo filme "As You Desire Me" que a "M-G-M" está produzindo, com Greta Garbo como protagonista, dirigido por George Fitzmaurice e tirado duma obra de Pirandello, foram filmadas cenas de grande espectáculo reproduzindo tradicionais festas nauticas italianas.

As cenas foram filmadas em Laguna Beach, com alguns operadores atrás da embarcação onde seguíam Greta Garbo e Melvyn Douglas, que faz o primeiro papel masculino, enquanto que outras camaras colocadas em terra tiravam outros angulos.

Alem de Greta Garbo e Melvyn Douglas, tomam parte em "As You Desire Me" ("Como tu me queres") Eric von Stroheim, Hedda Hopper, Owen Moore, Albert Conti, Warburton Gamble, William Riccardi e Roland Varno.

UM HOMEM FELIZ

Fazem-me rir a valer os que pretendem que já não ha contos de fadas e que a fantasia morreu. Se nos falam de verdadeiras fadas, de elfos, de sílfides, perfeitamente de acordo... Mas histórias de fadas... Até na Alemanha... Venho de lá e sei muito bem o que digo.

Neste momento mesmo, em Berlim, toda a gente fala na aventura que aconteceu a um pobre diabo, que era empregado dos correios. Viviu miseravelmente, levando todo o santo dia a trabalhar, em mangas de camisa, numa repartição imensa, uma caserna. Sua mãe era empregada no vestiário do hotel Atlantique, um dos palácios da capital, onde se hospedavam as pessoas de bom tom.

O pobre homem era um excelente empregado. Chamavam-lhe Robert Kurtner... Quando o chefe de serviço tinha vontade de fumar um cigarro, Kurtner ia comprá-lo, a correr, ao estanco mais próximo. Não sei se estarão a par disso, mas, na Alemanha, os

Realização de Hans Hinrich e Paul Martin
 Cenário de Leonhard Frank e Robert Liebmann. Musica de Werner Heymann
 Produção da «Ufa»
 Distribuição da Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltda.

marcos haviam-se transformado em 1.800... A 6 francos o marco, é facil a conta...

Kurtner voltou para a repartição sem cigarros. Abriu todas as janelas e depois... uff!... espantou toda a gente com a nova. Eia um rapaz bem construído, trigueiro, com uma cabeça que agradava às mulheres. Foi encadernar-se todo, dos pés à cabeça... Percebia um lord. E depois atirou-se ao mundo: binóculo, campos de corridas, apostas...

Mas, ao jogar no 7, não teve inspiração feliz: perdeu.

Vão dizer-me que não ha vestígios de fada na minha história. Mas esperem, co'a breca! Não tenham tanta pressa! Uma fada... uma fada... Quem lhes falou de fada? E' a sorte, é que é... Ora vão ver.



de pagar a conta, — 170 marcos, uma bagatela —, conseguiu habilmente a troca da nota com a dum vizinho bem abonado. Prometeu, sob palavra, restituir o dinheiro no dia seguinte. E havia de cumprir, porque era honesto. Depois de abandonar a Dulcinea, sem se atrever a confessar-lhe a sua pobreza, foi contar a aventura à sua mãe. Ainda bem que esta conservava sobre elle a sua terna influência. Conseguiu mostrar-lhe o bêco sem saída em que estava metido e convenceu-o de que devia voltar ao trabalho. No hotel Atlantique, foi contratado como dançarino mundano. Mas com quem havia de dançar? Com mulheres gordas, providas de abundantes carnes mas desprovidas de encantos, e, sobretudo, com Helena Ponta. Grande amor, mas sem cheta... A pequena Ponta viveria, contudo, no seu sonho, se o gerente do hotel se não encarregasse de a chamar à realidade, revellando-lhe que o seu cavalheiro estava «adido ao estabelecimento». Tudo desabou. Depois do seu afastamento, a profissão perdeu todo o atractivo para o belo Robert, que preferia, positivamente, os P. T. T. à pista e aceitou o lugar de telefonista do hotel.

(Le Vainqueur)

PRINCIPAIS INTERPRETES

Kate de Nagy..... Hélène
 Jean Murat..... Robert Kurtner
 Le Gallo..... O Milionário

Amor é amor, como diz o sr. Ponta, mas negócios são também negócios. E o telegrama que recebeu o milionário inquietava-o terrivelmente. Para entravar a *débacle* na Bolsa de Nova-York, redigiu rapidamente ordens e passou-as ao telefonista para as transmitir à repartição dos telegramas. Sim, mas o amor... Pelo facto de alguém ser telefonista, não deixa de ser homem, e que importa um telegrama, pergunto eu, quando se obtém, a despeito da humildade de condição, uma entrevista com uma beleza moça, como Helena Ponta?

Kurtner tinha, pois, outras preocupações; de telegrama no bolso, levou a americana, construiu com ela miúdos projectos que se desvaneciam tam rapidamente como se for-

rio? Não percebia nada... A verdade é que elle tinha enviado um telegrama ordenando operações opostas, que teriam provocado a sua ruina total... Talvez que o telefonista explicasse aquillo. Onde estava o telefonista? O telefonista...

Mas sempre o encontraram... E querem saber o que lhe fizeram? Deram-lhe em castigo Helena Ponta.

Sim. Julgaram talvez que foi a mim que semelhante história aconteceu? Boa vai ela! Quando me engano na ficha ou transmito uma ordem errada, o director diz-me logo amavelmente que, se tornar a fazer outra, poderei procurar novo emprego. Eu ficaria telefonista toda a vida, no hotel Atlantique ou noutra... Mas também não tenho a pretensão de ser um tipo no género de Kurtner...

JEAN MERY.



negociantes de tabaco, alem do seu comércio, registam as apostas das corridas, como nos P. M. U. do Panamá.

Ora o bom do Kurtner, indo um dia comprar 50 cigarros de 5 *pennigs* para o seu patrão, contentou-se com pedir ao dono do estabelecimento: «50 de 5». Ninguém sabe o que o negociante tinha na cabeça ou nos ouvidos; o certo é que percebeu «5 no 5» e, em vez de dar os cigarros ao cliente, deu-lhe um boletim de jogo...

Kurtner, que era pouco paciente, zangou-se, rogou pragas, fez barulho. E ia já obter o reembolso da nota de 50 marcos que lhe tinha sido confiada, quando soube que o cavallo 5 ganhara num *fauteuil*... Os seus

Ao lado de Kurtner, estava uma apostadora, linda, morena, um amor. Não era M.^{lle} Tarpemplou, não... mas a pequena Ponta, filha do banqueiro americano multimilionário. Efeito fulminante. Apresentações. O pal simpátiza, a rapariga entusiasma-se. O próprio noivo Hunter, o famoso guarda-rede de *hockey* sobre gelo, que tinha jogado em Paris, um ano antes, contra a equipe norueguesa, achou que Kurtner era muito amavel. Para encurtar razões: nessa mesma noite, o nosso lindo homem jantou com a rica herdeira, que julgava ter ao seu lado um rapaz da alta sociedade. Emfim, é sorte ou não é sorte?

E era inteligente o moço. No momento

Efemérides da semana

De 14 a 19 de Maio

- Maio 14 (1929) — Estreia-se no «Condes», de Lisboa, a fita «Loucuras de Nova-York», com Douglas Fairbanks.
- 17 (1930) — E' inaugurada em Hollywood a estátua de Rodolfo Valentino.
- 18 (1931) — Realiza-se em Roma a sessão inaugural do Congresso dos Directores de Cinemas.
- 19 (1897) — Nasce em Palermo, Italia, o realizador Frank R. Capra.

mavam, quando vinha à baila a questão de dinheiro. Mas Helena era rica, muito rica... Ofereceu tranquilamente ao que amava o colar de pérolas com que seu pai a brindara para as próximas núpcias com Hunter. Robert fôra porém bem educado por sua mãe. Atirou com o colar pela janela fóra e saiu, batendo com a porta. Ficaram para Helena os seus belos olhos para chorar. Mas pouco tempo, visto que era uma rapariga de cabeça. Voltou para o hotel, com o fim de procurar o moço irascível e convencê-lo...

E quem encontrou ela? Seu pai deslumbrado com a riqueza inesperada que acabavam de lhe proporcionar as últimas operações do banco. Como explicar aquele misté-

Uma visita aos estúdios da «Ufa»

O embaixador da Inglaterra em Berlim, Sr. Horace Rombold, visitou os estúdios da «Ufa» em Neubabelsberg em companhia de várias personalidades da Embaixada.

Passando pelo estúdio onde se filma actualmente «Quick», o embaixador conversou com Lillian Harvey e Hans Albers, os protagonistas desta película, — exprimindo em seguida a sua grande admiração pela organização modelar dos estúdios da «Ufa».

Constance Cummings, a jovem «estréla» da «Columbia», tem a mania dos cães de raça. Ainda não ha ganharam os primeiros prémios numa exposição canina.

A nova actriz Adrienne Allen, contratada pela «Paramount», está fazendo a sua estreia no cinema americano interpretando o papel de «A outra mulher» em «Merrily We Go to Hell» («Vamos prazenteiros para o Inferno»), que a «Paramount» está produzindo com Sylvia Sidney e Frederick March como protagonistas.

Em «Love Me Tonight» («Ama-me esta noite»), que Rouben Mamoulian está dirigindo para a «Paramount», as personagens interpretadas por Maurice Chevalier e Jeanette MacDonald aparecem no filme com os nomes daqueles artistas, Maurice e Jeanette.

Clark Gable, o tam falado actor da «M-G-M», que ainda não vimos em Portugal, renovou o seu contrato com aquela casa, segundo noticia que acabamos de receber de Culver City.

O primeiro papel de Clark Gable para a «M-G-M» foi em «Dance, Fools, Dance», com Joan Crawford, interpretando depois, sempre para a mesma casa, «Susan Lenox», «A Free Soul»,

Dentro e Fora dos Estúdios

«Polly of the Circus», «Laughing Sinners», «The Secret Six», «Sporting Blood», «Night Nurse» e «Hell Divers», tendo figurado como primeiro actor ao lado de Greta Garbo, Joan Crawford, Norma Shearer, Marion Davies, etc.

Actualmente, Clark Gable desempenha com Norma Shearer o primeiro papel de «Strange Interlude».

Allan Dwan, por ter adoecido inesperadamente, não dirigirá «Fé». A direcção foi confiada a Frank Capra, o genial realizador italiano que dirigiu Bárbara Stanwyck em «Amor Proibido».

Com Jean Harlow na fita «The Red-Headed Woman» («A Mulher dos Cabelos Avermelhados»), que a «M-G-M» está produzindo sob a direcção de Jack Coward, entram Chester Morris, Lewis Stone, Leila Hyams, Una Merkel e May Robson.

Marc Dantzer, o jovem galã que vimos em «A Princesa Encantadora» ao lado de Kate de Nagy, é um dos intérpretes de «Bal d'Apaches», que Jean Mamy está dirigindo nos estúdios «Gau-mont», para a «Elysées Films». Outros intérpretes são Lily Zévac, José Noguero e Raymond Marcel.

Jeanne Boitel, que vimos em «A Amorosa Aventura» e que veremos brevemente em «Escorregar não é cair», está interpretando «L'Affaire de la rue Moufflard», sob a direcção de Pierre Weill.

Howard Higgin vai dirigir a próxima película de Jack Holt, onde este varonil astro representará um papel altamente dramático.

Lasky sai da «Paramount»?

Sob todas as reservas, fazemo-nos éco dos rumores que tem circulado em Nova-York de que Jesse Lasky vice-presidente da «Paramount», saíria desta casa, para se juntar a Sidney R. Kent, que ha meses deixou a «Paramount» e é actualmente presidente da «Fox».

Por uma combinação entre a «Gau-mont» inglesa e a «Ufa», esta casa alemã fará também versões inglesas dos seus principais filmes, a exemplo do que fez com «O Congresso que Dança» e «Loucura de Monte-Carlo». A primeira será «Um Lindo Sonho», com Lillian Harvey, que tambem interpretará as versões francesa e alemã. A segunda fita será provavelmente interpretada por Renate Muller, uma popular actriz alemã ainda desconhecida em Portugal, e que fez a versão inglesa de «O Senhor Director», de Wilhelm Thiele.

Henri Diamant-Berger está preparando a realização de «Os 3 Mosqueteiros», anunciando-se já como intérpretes Armand Bernard para o papel de Planchet (que êle fez na versão silenciosa), Jim Gérald para o de Porthos e Blanche Montel para o de Mme. Bonacieux. Ainda se não sabe quem interpretará d'Artagnan.

A «First National» pediu emprestado à «Paramount» o actor Richard Arlen, para protagonista da fita «Tiger Shark».

Genevieve Tobin, que vimos em «Os Filhos», e que tem trabalhado para a «Universal», foi contratada pela «Columbia», para a qual vai fazer «Hollywood Speaks» («A Voz de Hollywood»), sob a direcção de Eddie Buzzell.

James Cruze, cujo nome evoca uma brilhante carreira de director, vai realizar «O carussel de Washington», sátira da vida social e politica da grande capital, cuja adaptação ao «écran» se encontra a cargo dos competentes dramaturgos Maxwell Anderson e Eugene Thackeray.

Lewis Stone, o apreciado actor americano que ha pouco terminou «Night Court», para a «M-G-M», tem um dos papeis no novo filme «Letty Lynton», da mesma casa, com Joan Crawford e Robert Montgomery nos protagonistas.

O escritor francês Georges Siménon vai levar ao cinema alguns dos seus romances policiaes. Ele mesmo será o realizador dos seus próprios filmes, o primeiro dos quais será «La Tête d'un Homme», cujos interpretes serão Ink'jinnoff, que vi-

«Colecção de Sempre»

Em virtude de um atrazo na impressão, não se encontra ainda concluida a edição do livro intitulado

«A Vingança do Moribundo»,

que se destina aos possuidores dos numeros 14 a 17 de «Cinema».

Rogamos aos leitores nos desculpem este contratempo que não nos foi possível evitar. Só no proximo numero poderemos fixar com exactidão a data em que esta interessantissima obra será remetida para as diversas agencias e poderá sêr requisitada nesta cidade nas casas já citadas.

«A Vingança do Moribundo»

é um livro da autoria de Felix Léonnet, primorosamente traduzido pelo distinto jornalista portuense FRA ANGÉLICO.

O assunto, muito interessante e por vezes humorístico, anda em volta de um moribundo que se vinga dos que lhe desejam a morte de um modo original.

O prazo para a requisição de

«O Amor Vence»

expira no proximo dia 23 do corrente. Lembramos por isso a todos os que não o tenham adquirido a conveniencia de o fazerem quanto antes.

Ouvimos dizer...

que está a chegar a Lisboa um enviado da "Klang-Film", que vai tentar negociações com a "S. F. S. P." para a instalação dos aparelhos daquela marca, para tomada de sons, nos estúdios da nova firma portuguesa.

que uma das vantagens que a "Klang-Film" apresenta é a de entrar com o custo dos aparelhos como quota na referida sociedade, a qual se verá, desta forma, dispensada de desembolsar tam elevada quantia.

que o "São João Cine" ainda não escolheu aparelho sonoro.

que tem sido feitas elevadas ofertas a J. Castelo Lopes para a exhibição de "Luzes da Cidade" no Pôrto.

que ainda nada está resolvido, de positivo.

que o "Olimpia", do Pôrto, ainda esta época passará alguns filmes da "M.-G.-M.", entre os quais "Laurel e Hardy a Ferros".

que o "Trindade" fechou contrato com a C.^a Cinematográfica de Portugal para a exhibição da opereta alemã "O Cadete do Amor" (título provisório), com Gustav Froelich e a deliciosa garota Dolly Haas.

que os operadores que trabalhavam no "Águia d'Ouro" passaram para o "São João Cine".

que para o "Águia" vieram dois operadores de Lisboa, um do "Royal" e outro do "Lys".

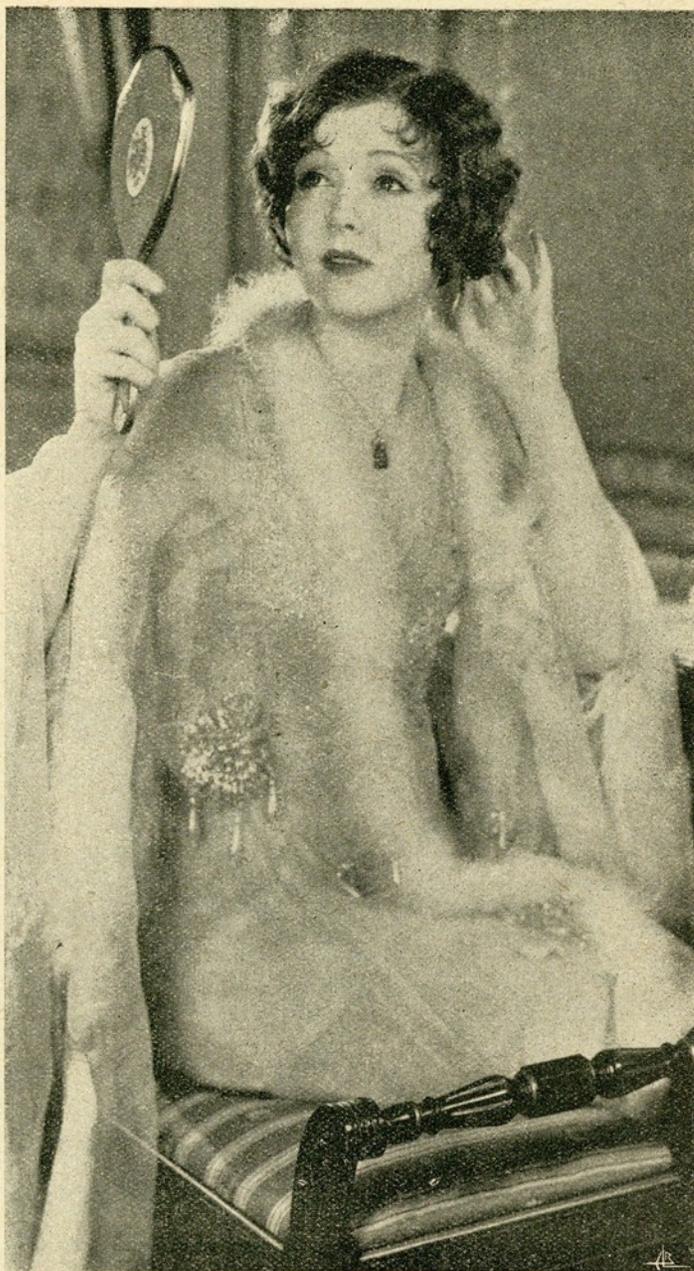
que o "Batalha" vai reexibir brevemente o super-filme "Fatalidade", de Josef Von Sternberg, com Marlene Dietrich.

mos em «Tempestade na Asia», a jovem actriz sueca Winna Winfried e Pierre Rennoir.

Tendo contratado recentemente dois dos escritores de maior reputação no mundo, a «Columbia» pode vangloriar-se de possuir este brilhante grupo de escritores: Maxwell Anderson, Harlan Thompson, Sidney Hingsley, Norman Krasna, Jo Swerling, Robert Riskin, Jules Furthman e Keem Thompson.

Cecil B. de Mille e a «Paramount» tem estado em negociações para a possível produção dum filme que aquele realizará para aquela casa. Pensa-se em filmar «The Sign of the Cross» («O Sinal da Cruz»), que De Mille fez como silencioso, para a «Paramount», em 1914.

Após a estreia do filme «Grande Hotel», da «M.G.M.», foi recebido o seguinte telegrama de Nova-York: «Grande Hotel Garbo John Barrymore Lyonel Barrymore Joan Crawford Wallace Beery Lewis Stone Jean Hersholt conjunto nunca anteriormente atingido jamais será igualado como nesta première stop publico maravilhado stop critica encantada stop parece cidade inteira corre bilheteira Astor Teatro stop lugares preço medio dois dollars vendidos até fim Maio igualmente Junho avidamente procurados stop Grande Hotel marcará maior acontecimento cinematográfico milenio».



Nancy Carroll, a gentil loirinha de quem já vimos várias películas e que a «Paramount» acaba de apresentar no filme «Personal Maid» («Criada de Confiança»)

Henry Garat casou

Henry Garat, querido actor francês que tantas simpatias conta entre os cinéfilos (principalmente entre as cinéfilas) portuguesas, casou ha dias, em segundas nupcias.

A nova madame Henry Garat é a conhecida dançarina Betty Rowe, uma das duas Rowe Sisters. A cerimonia nupcial realizou-se na mais estrita intimidade e sem que ninguém do meio cinematográfico dela tivesse conhecimento.

Os noivos partiram em seguida para Berlim, onde Henry Garat vai interpretar brevemente um novo filme com Lilian Harvey.

A gulodice vai ser outra vez permitida às «estrêlas»

graça, do entusiasmo e da personalidade.

É curioso observar que se deve à bela Jean Harlow, a heroína dos cabelos louro-platina dos «Anjos do Inferno», este renascimento da forma feminina, pois foi ela uma das primeiras que se atreveram a apresentar-se nutridas. Não obstante...

Quando se apresentou no «studio», sorrisos irônicos acolheram a chegada dessa «gorda rapariga», como a cada passo a qualifcavam. Linda, sem dúvida, foi o veredicto, mas era necessário que perdesse alguns quilos antes de ter probabilidades

Não ha necessidade de acrescentar que aquele entusiasmo espontâneo fez depois reflectir muitas actrizes, e que o regime quaresmal, a que elas estavam condenadas, foi logo revisto e aumentado com sérias e nutritivas adunções.

E não foram só as formosas «estrêlas a observar o êxito daquela rival, que assim se atrevia a afastar-se dos caminhos pisados: os directores, surpreendidos com a brusca reviravolta do público, reconsideraram e, em face daquela indicação, começaram a procurar mulheres roliças. «First National» descobriu então Joan Blondell, que nunca poderá usar o *travesti*, e convenceu Lil Dagover, cujas espaldas arredondadas e dorso harmonioso triunfavam na Alemanha, a ir para Hollywood. A «M-G-M» contratou imediatamente Joan Marsh, à qual as ancas acentuadas até ali conservavam afastada do *écran*, e a «Paramount» assinou um contrato com a pequena Sylvia Sidney, a quem foram confiados os melhores papeis femininos. A «Fox» contratou Greta Nissen, e a «R. K. O.» tornou a chamar com urgência Lily Damita e Pola Negri para Hollywood.

Tinham sido já esquecidas as cláusulas draconianas que impunham um peso máximo invariável, sob pena de licenciamiento. E não se recordavam já também os pratos complicados que arranjavam os bons cozinheiros para alimentar as vedetas sem as fazer engordar. Ainda mais: ridicularizava-se já uma certa «estrêla» que, por ocasião dum grande banquete, regalara os seus convidados com uma salada da sua invenção, a pretexto de que estava cheia de vitaminas e era excelente para evitar a gordura. Ela chegara mesmo a revelar, no fim do repasto, a receita, que era a seguinte: «Numa saladeira, dispõem-se camadas alternadas de fatias de ananaz, de laranjas, de maçãs e de folhas de alface; acrescentam-se nozes pisadas; cobre-se com creme batido e decora-se o lado, se quiserem, com licôr de cerejas.»

— Não nos queixamos deste novo estado de espirito, — afirmou-me Nick, gerente do «Brown Derby», o restaurante preferido pelas «estrêlas» —. As batatas já não estão condenadas, o pão reaparece nas mesas e as sobremesas também já não são postas de lado. Ninguém considera já o apetite uma coisa vulgar, boa quando muito para o comum dos mortais.

Marlene Dietrich, que perdera uns quinze arrateiros para agradar ao público americano, pensa agora no meio de os reconquistar; Tallulah Bankhead absorve litros de leite para tentar engordar, e Joan Crawford, cuja extrema delgadeza causava inveja a todas as donzelas americanas, abandonou, por conselho dos seus directores, a dieta feroz que a tornara quasi transparente.

Foi necessária esta reviravolta para que os oráculos se convencessem, emfim,



Anita Page e Lil Dagover, de tipo muito diferente, mas ambas fornadinhas de carnes... Uma é a rapariga, a outra é a mulher

Éis uma boa notícia que vai alegrar não só as inumeráveis raparigas e mulheres jovens horrorizadas com a ameaça constante duma nutrição excessiva, mas ainda os admiradores masculinos, muitos dos quais lamentavam em segredo aquela delgadeza que tirava toda a forma aos corpos emaciados em excesso.

Acabou o suplicio de Tântalo, que obrigava as lindas «estrêlas» a contentar-se com um regime de asceta, quando iam ao restaurante ao lado dum companheiro, alegre e divertido, que não tinha vergonha de se regalar com pratos apetitosos! Acabou a attitude forçada de desdem que era da moda em face de petiscos suculentos e tentadores! A sinistra dieta, composta de saladas e de laranjas, vai emfim ser abandonada e não tardaremos a ver figurar no *écran* mulheres, verdadeiras mulheres, de curvas harmoniosas, ancas arredondadas, decotes sugestivos, que poderão afrontar sem receio a revelação às vezes desastrada dos *maillots* de banho indíscretos.

Hollywood entendeu que era tempo de retroceder, de voltar às formas normais que fizeram o êxito das «Ziegfeld girls». A feminilidade está na moda, e a nova beleza deve ser, como outrora, amavelmente redonda. Em primeiro lugar, todos sabem que certa nutrição é sinal de saúde. Além disso, é também sabido que a saúde equivale a uma vitalidade mais ardente, geradora da



de triunfar. Encantadores os seus cabelos louro-platina; mas isso não era o bastante; tinha de emagrecer.

Jean deixou falar. Teve a prudência de não advogar a causa, antecipadamente perdida, das suas cõvinhas, sorriu aos críticos e esperou. Mas, quando apareceu emfim no *écran*, em vez de procurar dissimular os quilos que lhe censuravam, teve, ao contrário, a feliz audácia de usar vestidos ultra-colantes, que nada deixavam ignorar das suas formas perfectas e sublinhavam admiravelmente as curvas harmoniosas e cheias do seu corpo moço.

O seu êxito foi triunfal e ouviu-se logo de entrada um grito unânime na sala: «Emfim, uma mulher!» Aquele grito, não é necessário dizê-lo, era soltado pelos cavalheiros.



Estas duas atitudes de Dolly Haas, são uma pequeníssima amostra do que é a interessante garota alemã, que os nossos cinéfilos vão conhecer em "O Cadete do Amor" (título provisório), opereta alemã, com Gustav Froelich.



Lucien Baroux, hoje um dos actores favoritos do público. O seu trabalho nas produções que teem vindo aos nossos «écrans» impõe-no como um cómico de categoria, um cómico de classe. E os papeis de Intendente Geral dos Teatros de Perusa, em «A Princesa Encantadora» («Ronny»), e de Duque d'Auribeau, em «Dois Corações a Compasso», consagraram-no definitivamente. Baroux é o actor francês que mais tem actuado nos filmes da «Ufa». Vê-lo-emos novamente esta temporada em «Escorregar não é cair» («Le Petit Écart»), produção de Gunther Stapenhorst da «Ufa», falada e cantada em francês, com Jeanne Boitel, Richard Wilm e Louise Lagrange.

que não eram unicamente as silhuetas «arrapazadas» as que obtinham o favor do público, e de que, entre aquelas cujo êxito fôra mais claro, nos últimos anos, se contava Clara Bow, que nunca conseguira emagrecer, a pesar dos seus louváveis esforços; Glória Swanson, orgulhosa das suas formas cheias, que não procurava dissimular; Billie Dove, de côvnhas sugestivas na cara; Norma Shearer, cujos ossos não esburacavam a pele, e Anita Page, de carnes agradáveis.

E' evidente, mesmo, que o famoso «sex appeal» de Clara, a ruiva, teria perdido muito da sua força se tivesse o rosto menos bochechudo e o corpo mais grácil; e a uma certa forma de animação corresponde um certo físico, e as silhuetas emagrecidas de Greta Garbo e de Constance Bennett não poderiam adaptar-se a todos os papeis. Jeanette MacDonald poderia ser magra para desempenhar e cantar «Parada do Amor?»

E, como as repercussões de toda a moda nova são tam variadas como inesperadas, observa-se hoje, em Hollywood, o encerramento de muitos institutos de beleza especializados na redução das formas excessivas e, por falta duma clientela infiel, Sylvia, a célebre maçagista, partiu para Nova-York. Toda a gente agora procura ter côvnhas na cara!

Foi no primeiro baile de Mayfair — um dos acontecimentos da estação mundana de Hollywood — que esta nova moda recebeu a sua consagração, e, pela primeira vez desde muitos anos, viram-se vestidos moldando audaciosamente as formas, vestidos a que não davam realce os feitos achatados nem as ancas estreitas; e as magras, como Dolores del Rio, julgavam-se felizes por ocultar a delgadeza sob charpes e casacos de arminho, enquanto Pola Negri triunfava num cinto palhetado que sublinhava a rotundidade do seu busto e o desabrochamento das suas ancas.

Estamos dispostos a aplaudir o triunfo de Venus, desejando, contudo, que a graça juvenil de Diana caçadora não seja completamente abandonada.

SUNLIGHT.

A "Paramount" economiza 6 milhões de dólares nos primeiros 4 meses de 1932

Na Assembleia Geral da "Paramount", realizada em Nova-York em 26 de Abril findo, Adolph Zukor declarou que as despesas daquela firma nos primeiros 4 meses de 1932 eram inferiores em 6 milhões de dólares às de igual periodo de 1931.

Os acionistas re-elegeram Adolph Zukor, William H. English, Felix Khan e Casimir I. Stralem e elegeram pela primeira vez Warren Wright, membros da Direcção. Wright é presidente da Calumet Banking Corp., e director da General Foods Corp., John R. Thompson Corp. e First National Bank of Chicago.

Pelos nossos Cinemas

TRADER HORN (Trader Horn): — Esta fita, esperada ansiosamente pelo nosso público cinéfilo, é, de facto, uma grandiosa produção. A expedição «M.G.-M» realizou, na verdade, um trabalho notável, e o seu chefe W. S. Van Dyke merece os maiores elogios. Se é certo que muitos quadros se banalisam, por pouco mais nos mostrarem do que qualquer bem provido Jardim Zoológico, e por já vistos, recentemente, em «A Voz de Africa»; se outros são fastidiosos, por deficiências de montagem, como, por exemplo, a sequência da prisão dos três homens pela tribo da Deusa Branca, sequência arrastada pela apresentação estática dos demorados ritos indígenas; ou-



tros, muitos outros quadros se colocam em relêvo, por inusitados, por verdadeiramente notáveis na obtenção das respectivas imagens, quadros que tornam «Trader Horn» um filme único, superior a tudo quanto tem sido feito no género, «A Voz d'Africa» incluída.

A luta dos leões pela posse da presa que um deles abate — luta que habilmente é posta em confronto logo a seguir, quando os dois homens questionam por amor da Deusa Branca... — a morte do leão pelo dardo firmente atirado por Renchero, a perseguição feita pela tribo a quem os brancos raptaram a Deusa Branca, perseguição repleta de pormenores curiosos, de aventuras... terríveis, que só a filosofia, a fleugma e a valentia de Trader Horn poderiam vencer, a tomada de vistas das grandiosas cataratas, são pedaços de cinema vivo, de cinema puro (não no sentido de «absoluto», é claro), até do melhor cinema cultural, apenas prejudicado pela presença tam dispensável daquela Deusa Branca, all colocada para provocar um tenue fio amoroso, e... daquela viola de que os dois exploradores difficilmente se separam, como se, naquelas paragens, cercados de feras, de homens não menos ferozes, de perigos contínuos das mais variadas espécies, pretendessem suprimi-los ou encantá-los com as notas dolentes de qualquer «Tomo y Obligo», com as flautas magicas dos Indianos domesticadores de serpentes...

Agora essas pieguices que prejudicam a película no aspecto de realidade que pretendem demonstrar e como deve ser encarada, «Trader Horn» é uma super-produção das que não se fazem muitas

vezes, uma película que é grande, que é bela no écran de qualquer cinema.

Antes de fechar, duas referências especiais. A primeira, ao mestre fotógrafo Clyde De Vinna, que realizou um trabalho primoroso de tomada de vistas, especialmente nas cenas de horizontes vastos, onde as nuvens aparecem recortadas em ceu límpido, como fundo a quadros de extraordinária beleza, só comparáveis aos que a sua maravilhosa objectiva compôs para «Sombras Brancas». A segunda, ao diálogo sincronizado em espanhol, língua em que «Trader Horn» nos é apresentado. Trata-se do mais perfeito *dubbing* que até hoje tem passado nos nossos cinemas, e, sem pretender manifestar-me sobre este processo, até que novos filmes que o utilizem sejam exhibidos entre nós, registo com prazer os bons resultados obtidos com «Trader Horn».

Autora: Ethelreda Lewis. Adaptadores: Dale Van Every e John Thomas Neville. Cenarista: Richard Schayer. Fotógrafo: Clyde De Vinna. Director de som: Anstruther MacDonald. Realizador: W. S. Van Dyke. Intérpretes: Harry Carey, Edwina Booth, Duncan Renaldo e Muti Omoolu.

Produzida em 1930 pela «Metro-Goldwyn-Mayer». Estreada no «Aguia d'Ouro» em 9 Maio 1932.

PARTIR (Partir): — Boa partida nos pregou o sr. Maurice Tourneur e mais a «Pathé-Natan»!

Como o romance de Roland Dorgelès é muito conhecido, Tourneur pegou nele e, tim-tim por tim-tim, fonofilmou todas as suas páginas. Se Maurice Tourneur possuísse o talento, por exemplo, de Rouben Mamoulian, e se tivesse a seu



lado um bom cenarista, «Partir» poderia seguir de perto as páginas de Dorgelès mas poderia ser um bom filme, porque o mar, as viagens, os portos, etc., são absolutamente fono e fotogénicos. Que maravilhoso filme, inspirado nesta obra, não nos daria, tambem, Walter Rutmann!

Mas como Maurice Tourneur já se esqueceu do que aprendeu na América, aonde não voltou, me parece, depois da chegada do sonoro, e como não soube tirar do romance de Dorgelès o que ele pode ter de aproveitável para um bom fonofilm, «Partir» resulta uma obra deficiente, sofrível apenas, onde o pouco cinema que possui reside em alguns quadros de excelente fotografia.

De resto, a acção estagnada em cama-

rins de bordo, diálogos descrevendo o que toda aquela gente fez, faz e pensa fazer, muitos e muitos metros de filme com peripécias que nada adiantam e que não teem a mínima importância cinematográfica, intérpretes fazendo muito pouco no meio duma direcção (?) desorientada, tudo prejudicado ainda por uma tomada de sons defeituosíssima, mal se ouvindo algumas frases e sons em certas cenas, a demonstrar a pobreza do material técnico, ao produzirem o filme, e um ruído enorme na margem sonora, que os melhores aparelhos reprodutores e os melhores operadores não conseguem evitar.

De interessante, em «Partir», além da fotografia cuidada a que já me referi, as cenas exteriores em Port-Said e Colombo.

«Partir» é uma fraca produção francesa. E quanto mais filmes franceses se exibem, mais gosto dos americanos e dos alemães!

Autor: Roland Dorgelès. Decorador: Jacques Colombier. Fotógrafos: Benoit e Barreyre. Realizador: Maurice Tourneur. Intérpretes: Florence, Simone Cerdan; Jacques Lary, Jean Marchat; Garrot, Luginé Poé; O Director, Gaston Mauger; O cómico, Prince. Outros intérpretes: Ginette d'Yd, Fichel, Georges Paulais, Charles Barrois.

Produzida em 1931 pela «Pathé-Natan». Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltda. Estreada no «Trindade» em 10 Maio 1932.

O PAI CELIBATÁRIO (The Bachelor Father): — Marion Davies, que ainda nos não habituamos a ver no cinema sonoro, continua sendo uma das primeiras estrelas da «M.G.M.» e uma das grandes actrizes americanas de comédia. «O Pai Celibatário» é uma comédia bem imaginada e bem continuada, de situações que roçam pela fantasia, mas nem por isso menos aceitáveis como base dum entretcho meio burlesco meio sentimental, em que Marion Davies põe à prova as suas qualidades muito amplas de especialista do género.

E' pena que Robert Z. Leonard não imprimisse à direcção do filme um pouco mais de sentido cinegráfico, aproveitando a excelência da continuidade, mas suprimindo-lhe ou evitando-lhe muitos dos diálogos de que a película está cheia, diálogos de que os meus escassos conhecimento de Inglês compreenderam espirituosos e possivelmente interessantíssimos para uma plateia de fala inglesa.

A-pesar desses diálogos demasiados, «O Pai Celibatário», porque se desenvolve suavemente e porque tem excelente interpretação, à cabeça da qual a encantadora Marion Davies, na simpática Tony, e o magnífico actor C. Aubrey

Smith, no velho celibatário, agrada como comédia ligeira, despretenciosa.

Autor: Edward Childs Carpenter. Cenarista: Laurence E. Johnson. Fotógrafo: Oliver T. Marsh. Director de som: Karl Zint. Realizador: Robert Z. Leonard. Intérpretes: Tony, Marion Davies; Sir Basil C. Aubrey Smith; Jonh Ashley, Ralph Forbes; Geoffrey, Ray Milland; Dick Berney, Guinn Williams; Doutor MacDonald, David Torrence; Mrs. Webb, Doris Lloyd; Maria, Nena Quartaro; Mrc. Berney, Elizabeth Murrey.

Produzida em 1930 pela «Metro-Goldwyn-Mayer». Programa «Metro-Goldwyn-Mayer Films, Ltda.» Estreada no «Olimpia» em 9 Maio 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

Com 73 anos, faleceu no dia 27 de Abril findo o veterano realizador alemão Franz Porten, pai das actrizes Rosa e Henny Porten.

Incontestavelmente o
melhor receptor é o

M E N D E

Sonora — Radio

Rua 31 de Janeiro, 190 — PORTO

B A T A L H A
(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

Grande sucesso do super-filme policial

O MISTÉRIO DA CASA-FORTE

Com o popular actor-atleta HARRY PIEL

Terça-feira, estreia da comédia falada e cantada em francês

Noites de Venesa

Com o grande actor ROGER TRÉVILLE

PREÇOS POPULARES

A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

N.º 17

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA,,

Desconto de 40 % no «Trindade» e 50 nos restantes, nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 19 e 21 de Maio

OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 19 e 21 de Maio

BATALHA — Matinée de Quinta-feira, 19 de Maio

CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 21 de Maio

IMPORTANTE. — As entradas com bonus no «Salão da Trindade» teem os seguintes limites: 1.ª plateia, 200; 2.ª plateia, 50; 2.º balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.



CASTELO LOPES, L.^{DA}

a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos,

apresentará brevemente no Bôrto

**“LUZES DA
— CIDADE”**

de Charlie Chaplin (Charlot)



**o maior êxito
da temporada**

